

Implicações do uso do whatsapp na educação

implications of the use of whatsapp in education

Implicaciones del uso de whatsapp en la educación

Ivanderison Pereira da Silva¹
Fernanda de Burgos Rocha²

Resumo: Esse estudo apresenta a análise de um relato de experiência com o uso do *Whatsapp* no contexto de um curso de idiomas de nível básico. Teve por objetivos: situar o uso didático de dispositivos móveis e de aplicativos como o *WhatsApp* como uma necessidade pedagógica contemporânea; e analisar as implicações do uso do *Whatsapp* em contextos educativos a partir de uma experiência didática desenvolvida num curso de inglês de nível básico. Trata-se de um estudo de caso de natureza qualitativa no qual foi analisada uma experiência com o uso do *Whatsapp* num curso de inglês de nível básico. Como resultados verificou-se: que as conversas no *Whatsapp* se caracterizam por uma linguagem dinâmica, uso frequente de *emoticons* e *emojis*, leitura dinâmica, uso de conteúdos digitais multimodais e linguagem informal; que as práticas pedagógicas com o *Whatsapp* exigem dos sujeitos que possuam um *smartphone*, acesso contínuo à internet, netiqueta, colaboração, afetividade, instantaneidade da comunicação, personalização da aprendizagem e as implicações da ubiquidade para o trabalho pedagógico.

Palavras-chave: Educação com mobilidade. Whatsapp. Ubiquidade.

Abstract: *This study investigated the educational implications of Whatsapp in situations in which its use is planned and institutionally conducted. This study aims to explore the features of the language used in this app and analyze the implications your use in educational contexts. This is a qualitative research in which an experiment using Whatsapp in a Basic-level English course was analyzed. The results of this experiment highlight that: the conversations using Whatsapp are characterized by a dynamic language, frequent use of emoticons and emojis, speed reading, use of multimodal and informal language digital content; pedagogical practices with Whatsapp Messenger require of the subjects having access to a smartphone and continuou Internet access, Netiquette, collaboration, affectivity, specific pedagogical mediation, immediacy of communication, customization of learning and the implications of Ubiquity for the pedagogical work.*

Keywords: Education, Whatsapp mobility, Ubiquity

Resumen: *Este estudio investiga las implicaciones didácticas de WhatsApp en situaciones en las que se planificaron y realizaron institucionalmente su uso. El objetivo de analizar las implicaciones del uso del en los centros educativos. Se trata de una investigación cualitativa en la que se llevó a cabo un experimento se analizó mediante el WhatsApp en un nivel básico curso de idioma Inglés. Como resultado se encontró: las conversaciones en el WhatsApp se caracteriza por un lenguaje dinámico, el uso frecuente de emoticonos y emojis, la velocidad de lectura, uso de contenidos digitales multimodal y lenguaje informal; que las prácticas pedagógicas con Whatsapp requieren los sujetos que tienen un teléfono inteligente, el acceso continuo a Internet, netiqueta, la colaboración,*

1 Doutor em Educação, Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), membro do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Humanidades (GIPHU) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL), da Comunidade de Indagação em Ensino de Física Interdisciplinar (CIEFI) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), do Grupo de Pesquisa Tecnologias da Informação e Comunicação na Formação de Professores Presencial e Online e do Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Ensino de Ciências da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

2 Especialista em Docência para a Educação Profissional e em Ensino de Língua Inglesa e Uso de Novas Tecnologias, Professora de Língua Inglesa.

el afecto, la mediación pedagógica específica, comunicación instantaneidad, la personalización del aprendizaje y las implicaciones de la ubicuidad para el trabajo pedagógico.

Palabras-chave: Educación con la movilidad, Whatsapp, Ubiquity.

Introdução

Desde o desenvolvimento da telefonia móvel na década de 1940 nos Estados Unidos e sua chegada ao Brasil na década de 1990 (BENTO e CAVALCANTE, 2013), muito se avançou no que concerne à sofisticação e funcionalidades desses dispositivos eletrônicos. O poder de penetração social desses recursos é tão intenso que têm sido considerados como uma representação extensiva do corpo humano (COSTA, 2015) e vem sendo consumidos por públicos situados nas mais variadas faixas etárias e classes sociais (MOURA, 2009).

Para Silva (2009, p. 76), “de fato, a comunicação móvel se impõe no contexto como disseminadora de práticas que se relacionam aos diferentes tipos de mobilidade como uma forma avançada da cibercultura”. Essa, entendida como “o conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço³” (LEVY, 1999, p. 77). Para Lemos (2009, p. 89), esse cenário no qual protagonizam os dispositivos móveis não caracteriza apenas uma fase avançada da cibercultura, mas “uma nova fase” dessa. Como um dos maiores expoentes dessa nova fase da cibercultura é possível apontar o aplicativo de comunicação instantânea *WhatsApp*.

O *Whatsapp* é um aplicativo digital multimodal, multiplataforma, com alto grau de usabilidade (SILVA e VILHEGAS, 2013), que proporciona o compartilhamento de mensagens no formato de texto, imagem, áudio e vídeo. Tendo se popularizado no Brasil, esse aplicativo ultrapassou, em 2014, a marca dos 38 milhões de usuários (FOLHA de SÃO PAULO, 2014) e como reflexo do alto grau de adesão popular, os diversos setores da sociedade, dentre os quais a Educação, têm sentido os efeitos da emergência de novas experiências comunicativas entre os sujeitos.

Com o objetivo de investigar as implicações do *Whatsapp* no cotidiano escolar, foi delimitado o seguinte problema dessa pesquisa: Quais as implicações do uso do *Whatsapp* para a formação dos sujeitos no contexto da educação formal? De modo específico se objetiva: situar o uso didático de dispositivos móveis e de aplicativos como o WhatsApp como uma necessidade pedagógica contemporânea; e analisar as implicações do uso do *Whatsapp* em contextos educativos a partir de uma experiência didática desenvolvida num curso de inglês de nível básico.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa (FLICK, 2009), na qual foram realizados um estudo teórico-bibliográfico acerca daquilo que já tinha sido produzido sobre o uso de dispositivos móveis e do *Whatsapp* na educação; bem como o desenvolvimento e a análise de uma experiência didática com o uso do *Whatsapp* num curso de inglês de nível básico. Os resultados dessa investigação estão organizados nas próximas sessões.

Desafios para a Formação do Sujeito em Tempos de Whatsapp

A escola, por ser predominante constituída por crianças e adolescentes sente muito mais os efeitos do conflito existente entre aqueles que incorporaram as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) em sua cultura e aqueles que lutam para incorporá-las. As características dos *smartphones*, proporcionam experiências comunicacionais sem precedentes e que têm

3 Segundo Levy (1999, p. 77) o ciberespaço pode ser entendido como “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”, não se limitando apenas à “infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (idem).

contribuído para um conflito que coloca em oposição àqueles que nasceram antes e aqueles que nasceram em meio ao apogeu das TIC.

Ao invés do entendimento desse momento como uma possibilidade de enriquecimento cultural, o que se observa é um conflito que hoje passa a protagonizar debates no âmbito legislativo. O projeto de Lei nº 2246/2007, de autoria do Deputado Federal Pompeu de Mattos do Partido Democrático Trabalhista do Rio Grande do Sul (PDT-RS), ainda em tramitação na Câmara dos Deputados, sob a justificativa de que os telefones móveis contribuem para dispersão da atenção dos alunos, propõe o veto ao uso desses dispositivos nas escolas públicas de todo o país (BRASIL, 2007). Além desse projeto de Lei, vigoram nos estados e municípios, uma série de normas que estão em voga e que têm como foco o mesmo objeto e a mesma justificativa⁴.

É possível perceber que o uso de *smartphones* na escola não se trata de um fenômeno clássico de indisciplina. Fenômenos clássicos de indisciplina, e mesmo de violência escolar, não têm sido tratados, na contemporaneidade, com decretos ou leis específicas. A realidade mostra que tais dispositivos legais encontram dificuldades para ser executados. É muito difícil refrear esse movimento com decretos ou leis. Para Moura (2009), esse tipo de estratégia, que “demoniza” os *smartphones* por meio de leis e regulamentos proibitivos não são coerentes com a necessária formação para o cenário contemporâneo. Se é verdade que os dispositivos legais supracitados emergem nesse cenário quase como um pedido de socorro da própria escola, é igualmente verdadeiro que esses, serão letra-morta diante dessa forma avançada de cibercultura.

Há de se considerar que a base da comunicação na era da mobilidade é a internet. Mesmo que se invista ferozmente no consumo de tecnologias (PELLANDA, 2009), para que essas sejam exploradas em suas mais altas potencialidades é fundamental que sejam providas as condições mínimas necessárias, dentre as quais se inclui o acesso à internet. Num país marcado pelas diferenças, como é o caso do Brasil, com partes da população vivendo na miséria e sendo esse um dos países com os mais caros serviços de telecomunicação do mundo (SILVEIRA, 2009) é importante entender quem são os adolescentes que estão vivenciando o ciberespaço e de que forma isso acontece.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) encomendou ao Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (IBOPE), no período de 11 a 22 de janeiro de 2013, uma pesquisa nacional por amostragem por meio da qual foram entrevistados, face a face, 2002 adolescentes brasileiros com idades entre 12 e 17 anos (sendo 49% meninas e 51% meninos) com o objetivo de identificar o uso que esses sujeitos fazem da Internet. A amostragem foi proporcional ao quantitativo populacional, referente a essa faixa etária, um total de 150 municípios distribuídos nas cinco regiões do país (Norte, Nordeste, Centro Oeste, Sudeste e Sul).

Como resultados dessa pesquisa, verificou-se que cerca de 70% (aproximadamente 15 milhões) dos adolescentes brasileiros são usuários da Internet e que 64% desses, acessam à rede diariamente. Um corolário dessa constatação é que 30% (aproximadamente 6 milhões de adolescentes) são excluídos do acesso à rede mundial de computadores. Essa exclusão, segundo esse estudo, se apresenta como um desdobramento de outras exclusões sociais. A maioria dos sujeitos excluídos moram em zonas rurais, pertencem às regiões Norte e Nordeste do país e têm renda de até um salário mínimo. O estudo complementa esse dado explicitando que

Enquanto apenas 4% dos adolescentes de classe A/B não acessam a internet, esse número chega a 39,2% entre os de classe C e 66% entre os de classe D/E. A mesma tendência pode ser observada quando considerado o critério

4 Um quadro mais detalhado com uma lista de dispositivos legais que tem por foco disciplinar o uso de tecnologias móveis na escola pode ser visualizado no endereço: <http://ivandersonpereira.blogspot.com.br/2015/10/legislacao-que-disciplina-o-uso-de.html>

de renda por salário mínimo: entre os adolescentes de famílias com renda de mais de 2 salários mínimos, apenas 10% não têm acesso à internet, enquanto essa porcentagem sobe para 29% entre os de família com renda de 1 a 2 salários mínimos e 52% entre os que têm renda de até 1 salário mínimo. Ou seja, quanto menor a renda da família, menos frequente é o uso da internet entre os adolescentes.

Esse estudo evidencia que o acesso à internet por meio de *smartphones* e dos centros públicos pagos (as populares *lan-houses*) é mais expressivo em meio às classes menos favorecidas (D/E). Uma vez que, os valores cobrados pelo acesso à Internet por meio dos *smartphones* e *lan-houses* é significativamente mais caro, esses sujeitos acabam pagando mais por esse serviço do que aqueles das classes A/B/C, que fazem o acesso predominantemente de suas residências.

As péssimas condições em que se encontram os laboratórios de informática das escolas brasileiras fazem com que esse não seja um lugar de significativa inclusão digital. No estado de Alagoas, que tem os piores indicadores educacionais do Brasil, o jornal local (GAZETA DE ALAGOAS, 2015), publicou em sua edição do dia 19 de abril de 2015, a matéria intitulada “Estado abandona laboratórios de escolas” na qual denunciou o descaso com os laboratórios das escolas, inclusive os de informática. Cerca de 50% desses laboratórios não estão funcionando e os demais apresentam graves problemas estruturais tais como: sistema operacional defasado, baixo número de computadores em relação ao número de alunos, espaço inadequado para o funcionamento do laboratório, falta de manutenção das máquinas, etc.

Programas governamentais como o ProInfo Integrado não têm conseguido efetivar seus objetivos de forma satisfatória e a escola que deveria ser o lugar privilegiado da formação desses sujeitos, está sem as condições mínimas para explorar as potencialidades do ciberespaço. Como o Brasil é um país de muitos contrastes econômicos, enquanto em Alagoas os laboratórios de informática das escolas padecem pelo abandono do poder público, existem pelo menos três municípios brasileiros que oferecem conexão gratuita à internet para toda a sua população (SILVEIRA, 2009). São eles: Quissamã, no estado do Rio de Janeiro; Sud Mennucci, no estado de São Paulo e Tapira, no estado de Minas Gerais. Aforam os três municípios que gozam das redes de wi-fi abertas, é possível afirmar que a população brasileira, principalmente os que compõem as classes D/E, encontram nos *smartphones* e nas *lan-houses* as principais alternativas para sua inclusão digital.

Além das dificuldades de acesso à internet, figuram desafios para a formação dos sujeitos a falta de acompanhamento e orientação na navegação pela rede. Emerge o perigo das crianças e jovens estarem descobrindo sozinhos os prazeres e os perigos do ciberespaço. Essa consideração é confirmada pelo estudo da UNESCO (2013) que revela que, em meio aos sujeitos que têm acesso à internet em casa, 46% dos adolescentes brasileiros afirmam não ter nenhum acompanhamento dos pais sobre o que fazem na internet. Nesse sentido, deveria ser a escola o lugar privilegiado para a inclusão digital e para a formação desses sujeitos consoante a uma boa gestão das TIC.

Segundo Levy (1999), tal cenário é preocupante uma vez que o ciberespaço pode ser comparado a palavra *Phármakon* que, do grego, pode denotar ao mesmo tempo remédio ou veneno. Dependendo do uso que se faz pode contribuir para uma escola plural, democrática, valorizando as potencialidades dos sujeitos, ou para a promoção da violência, o deslocamento da atenção, a indisciplina, etc.

Um dos *phármakons* que podem ser explicitados é o da “solidão interativa” (WOLTON, 2007 apud ANTERO e NASCIMENTO, 2015, p. 56). O vídeo “*Disconnect to connect*” traduz bem essa questão (YOUTUBE, 2015). Para Moura (2009, p. 74) “os níveis de obsessão a que alguns jovens chegam são preocupantes”. Nesse sentido, a tecnologia paradoxalmente, pode aproximar aqueles que estão distantes e distanciar aqueles que estão próximos. Outro *phármakon* é o

contato com desconhecidos nas redes sociais da internet. Segundo a UNESCO (2013), o uso mais frequente da internet por esses adolescentes são as redes sociais online (entre 72% e 92% dos adolescentes, faz uso). Os meninos são os que mais adicionam ou dão informações pessoais a desconhecidos por meio da internet. Já com relação a exposição de fotos e vídeos pessoais destacam-se as meninas. Cerca de 48% dos meninos e 31% das meninas já encontraram pessoalmente alguém que só haviam conhecido pela internet.

Como qualquer rede social online, o conteúdo das interações estabelecidas no *WhatsApp* tende a extrapolar o interior das conversas nas quais foi gerado ou postado. Aquilo que se compartilha no grupo tende a se propagar em outros grupos ou mesmo para outras interfaces do ciberespaço. A expectativa daquele que posta algum comentário nos grupos do *WhatsApp* é que o *feedback* seja imediato ou que a informação compartilhada se propague imediatamente.

Paul Virilio (1976) apud Mota (2015, p. 11), “utiliza o termo Dromologia, para definir o estudo da velocidade com que se propaga informações no campo virtual”. Segundo esse autor, o termo “Dromo”, vem do grego, e significa corrida ou rapidez. A velocidade de propagação dos conteúdos nessas redes sociais, ao mesmo tempo que pode proporcionar agilidade da comunicação pode também causar danos irreversíveis para a vida dos sujeitos quando a natureza dos conteúdos compartilhados pode depor contra a imagem de outrem.

O estudo de Mota (2015) discutiu as implicações sócio-educacionais do compartilhamento de vídeos íntimos, nos quais protagonizam adolescentes entre doze e dezesseis anos, por meio do *Whatsapp*. Tais vídeos são divulgados geralmente por seus parceiros por motivo de vingança, principalmente quando há uma quebra de relacionamento. A autora chamou esses conteúdos de pornografia de vingança (PV). A pressão social exercida sobre elas é tamanha que em casos como este, o suicídio acaba sendo a única alternativa para essas vítimas (R7, 2013).

Os resultados dos estudos de Mota (2015, p. 89), que entrevistou duas garotas, uma de 14 e outra de 16 anos, que foram vítimas de PV, e cujos companheiros e autores do delito, estudavam na mesma escola que elas, mostram que, a escola que deveria ser a instituição na qual essas meninas se sentiriam mais acolhidas e apoiadas, contribui significativamente para a exclusão dessas. “Segundo as adolescentes, grande parte dos amigos se distanciaram, colaborando para um isolamento e uma introspecção delas. Alguns professores tiveram a mesma atitude que os demais adolescentes, afastaram-se também, ao invés de dar apoio ou pelo menos procurar entender os fatos”.

Verifica-se que, na medida em que o grau de adesão desses dispositivos aumenta em meio às crianças e adolescentes, aumentam também os problemas relacionados aos usos que faz desses recursos. Medidas coercitivas que buscam disciplinar criminalmente esses casos, não têm impedido desses sujeitos de se exporem e exporem seus pares nas redes sociais junto a desconhecidos. Ainda que não seja suficiente para a superação dessas questões é imprescindível que a escola assuma o desafio de contribuir para uma formação que objetive elevar as consciências com vistas aos prazeres e perigos do ciberespaço.

Experiências Didáticas com o Uso de *Whatsapp*

Em face dos desafios da sociedade contemporânea, a escola precisa explorar bem o ciberespaço e reeditar os percursos das crianças e adolescentes na direção dos usos que esses sujeitos fazem dos dispositivos que os possibilitam acessar à internet. Dentre esses usos, é possível apontar o do *WhatsApp*. É possível utilizar esse aplicativo como um ambiente virtual de aprendizagem (AVA), “um espaço de sociabilidade, fundamentado em interações múltiplas, no qual é possível aprender em colaboração” (OLIVEIRA, 2009, p. 1). O quadro 1 sintetiza algumas dessas experiências.

Quadro 1 – O uso do *Whatsapp* em contextos educativos no Brasil

Estudo	Descrição
Araújo e Bottentuit Junior (2015)	Traz um relato de experiência com o uso do <i>Whatsapp</i> no IFMA no campus Açailândia, do curso Técnico em Meio Ambiente (Módulos III) (2013.2) e Alimentos (Módulo III) (2014.2). Nessa experiência em cada uma das turmas um aluno foi convidado para criar um grupo no WhatsApp e incluir os colegas interessados, bem como o professor. Esses grupos serviam de apoio para discussões complementares a respeito dos temas abordados na sala de aula presencial.
Barros e Barbosa Justino (2014)	Os autores propuseram e analisaram uma experiência de desenvolvimento de um “Cordel Digital” por meio de um grupo no WhatsApp. A experiência foi desenvolvida com alunos do terceiro ano (3º ano C), do Ensino Médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João Ribeiro, em Gurinhém/PB” no período de julho a setembro ano de 2014.
Honorato e Reis (2014)	Os autores apresentam uma proposta de uso do aplicativo WhatsApp na qual o professor de física e os alunos de um cursinho preparatório se organizaram e criaram um grupo no aplicativo WhatsApp para a troca de informações sobre o curso e tirar dúvidas sobre o conteúdo de física. Quando há dúvida o aluno escreve o número do exercício correspondente à apostila, e pede o auxílio do grupo ou do professor, a dúvida poderá ser sanada por qualquer participante do grupo. A dificuldade de escrever as fórmulas diretamente no WhatsApp, os alunos escreviam em seus cadernos, fotografavam e enviavam para o grupo.
Ferreira et al (2014)	Os autores analisam uma experiência na qual o <i>WhatsApp</i> é utilizado como uma interface para o apoio ao ensino de telemedicina e ao acompanhamento de médicos residentes na área de teleultrassonografia.
Oliveira et al (2014)	Os autores comunicaram por meio da publicação de, pelo menos, três trabalhos o desenvolvimento de um curso de formação à distância por meio do <i>Whatsapp</i> . Este curso enfocou os aspectos da Aprendizagem Móvel, Games, Gamificação e Games aplicados a Educação, teve duração de pouco mais de um mês e teve como público-alvo professores e tutores da EAD da Universidade Federal da Paraíba (UFPB Virtual). O curso foi planejado para 48 participantes e mais 2 mediadores que atuaram sugerindo discussões, tirando dúvidas e auxiliando no uso do aplicativo.
Machado Spence (2014)	Explorou o <i>Whatsapp</i> como recurso para o desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar sobre o <i>Bullying</i> com mais de 50 alunos de dois cursos de graduação no estado de Mato Grosso. Foram os próprios alunos que sugeriram o uso do aplicativo pois a maioria possuía o mesmo instalado nos seus <i>smartphones</i> . Um dos alunos criou um grupo e ficou responsável por inserir mais colegas que manifestassem interesse na atividade. Inicialmente o grupo foi composto por uma professora vinculada aos cursos de Psicologia e Direito, por alunos do quarto semestre de Direito e do primeiro, segundo e décimo semestres do curso de Psicologia.
Belém (2014)	Analisa uma experiência com o uso de SMS e WhatsApp, com alunos do curso de curso de licenciatura em língua inglesa dos campi de Altamira e Cametá da Universidade Federal do Pará (UFPA), respectivamente. Trocas de SMS em inglês e diálogos no WhatsApp eram realizados em inglês. A autora descreveu a relação entre a interação feita por meio de trocas de mensagens SMS e pelo WhatsApp, semelhantes por se tratarem de mensagens, mas diferentes pelas suas características interacionais.
Santos, Pereira e Mercado (2016)	O WhatsApp foi experimentado com estudantes de Pedagogia visando ao uso como estratégia didática na formação inicial de docentes. A pesquisa pairou nesta incerteza: como estratégias didáticas integradas às TDICs podem favorecer a formação de docentes? Nesse contexto, dados qualitativos da pesquisa evidenciaram vantagens e desvantagens do aplicativo.

Fonte: Elaborado pelos autores.

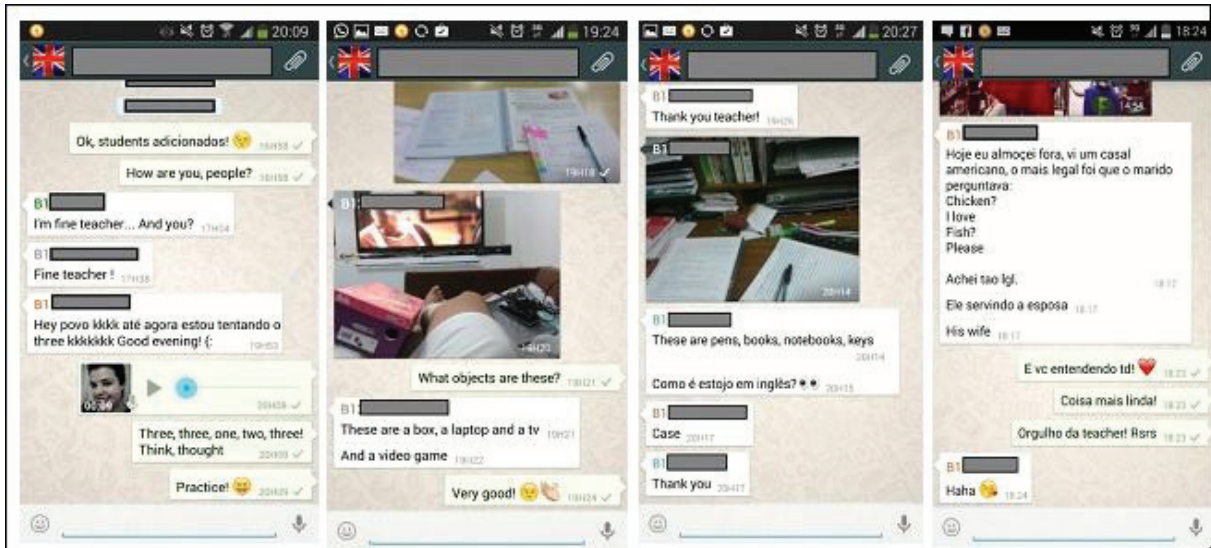
A educação online como um fenômeno da cibercultura, se traduz nas práticas educativas que se dão nos ambientes formais e não-formais, presenças ou não, mediados pelas tecnologias digitais, das quais as tecnologias móveis também são parte (SILVA e CLARO, 2007). Em base nas experiências descritas no quadro 1 e em face das necessidades formativas impostas pelo cenário contemporâneo, propusemos a realização de uma experiência didática com o uso do *WhatsApp* no contexto de um curso de idiomas.

Ao compreender que a criação de grupos no *WhatsApp*, propicia a emergência de comunidades virtuais de aprendizagem (CVA) a partir das quais os sujeitos podem, em regime de colaboração, se organizar e interagir em torno de temas de interesse coletivo, foi proposto a 16 alunos a criação de um grupo *WhatsApp* para servir como extensão da sala de aula presencial.

Esses alunos tinham idades variando entre 16 e 32 anos de idade, faziam parte de uma turma de “Inglês Básico 1”, com carga horária total de 50 horas, sendo 4h de atividades semanais divididas em dois encontros presenciais de duas horas de duração cada. As aulas ocorreram no período vespertino ao longo de 13 semanas em uma escola de idiomas, privada, da capital alagoana.

Para integrar o grupo e participarem como sujeitos dessa pesquisa, os indivíduos deveriam inicialmente estar devidamente matriculados no curso e declararem seu interesse em participar do projeto. Foi criado um grupo no *WhatsApp* com a professora e 10 alunos. A figura 1 ilustra uma composição de diferentes momentos de diálogo registrados nesse grupo do *WhatsApp*. A partir dessa composição é possível observar que os diálogos ocorreram predominantemente em língua inglesa, contribuindo para o exercício e treinamento desse idioma. É possível verificar que diferentes suportes midiáticos foram utilizados (texto, imagem, som, vídeo, hiperlinks).

Figura 1 – Diálogos no Grupo do *WhatsApp* Inglês Básico 1



Fonte: Captura de tela.

Foram identificadas nas conversas desse grupo as características da escrita no *WhatsApp*: linguagem dinâmica, uso de *emoticons e emojis*, leitura dinâmica, uso de conteúdos digitais multimodais e linguagem informal. Além das características clássicas, as capturas de tela das conversas no grupo da turma de Inglês Básico 1 nos permitem identificar categorias que podem contribuir para melhor compreender as implicações do *WhatsApp* nos contextos educativos.

a) Netiqueta

A boa relação no interior do grupo leva em consideração um “conjunto de regras de conduta para a utilização do meio virtual” (MARCONDES e DEGÁSPERI, 2014, p. 4). Esse conjunto de

regras pode ser definido como “netiqueta”. No grupo da turma de inglês básico 1, inicialmente foram discutidas essas regras com vistas a manutenção da harmonia e boa convivência de todos.

Esse diálogo inicial foi fundamental para esclarecer que a comunicação no ciberespaço tem uma natureza diferente daquela que é estabelecida face a face e nesse sentido outros elementos além do texto precisariam ser utilizados com vistas a expressar, da melhor forma possível, aquilo que o sujeito gostaria de compartilhar com o grupo. Também foi esclarecido que a harmonia no grupo deveria ser preservada e nesse sentido não era permitido que fossem compartilhados conteúdos preconceituosos ou que fugissem muito do foco do grupo. As regras foram discutidas em sala de aula com os alunos e foram aplicadas tanto na sala de aula presencial quanto no *Whatsapp*.

b) Colaboração

Nessas CVA a polarização emissor/receptor é desconstruída permitindo a interação de forma colaborativa (CANDEIAS; SILVA, 2008). Com base nessa característica, os alunos foram estimulados a ajudar os colegas a resolverem suas dúvidas e a realizarem as atividades sugeridas no *Whatsapp* colaborativamente. Foram realizados vários tipos de atividade dentro grupo da turma de inglês básico 1 tais como: a) envio de imagens e descrição de objetos próprios da cultura norte-americana e britânica; b) gravação de mensagens de voz em inglês; c) gravação e compartilhamento de vídeos curtos em inglês; d) tira-dúvidas; e) compartilhamento de músicas com letras em inglês; f) compartilhamento de *links* para *websites* e outros aplicativos; g) atividades de fixação ou revisão do vocabulário estudado utilizando os ícones já existentes no aplicativo; dentre outras.

Segundo Moura e Carvalho (2009, p 24), nas CVA, “o trabalho colaborativo é condição indispensável para a sua continuidade e construção do conhecimento entre os seus intervenientes”. A possibilidade de interagir como colaborador eleva todos os participantes da interação ao *status* de atores e autores nesse processo. O espaço foi utilizado frequentemente para tirar dúvidas e relatar experiências vivenciadas pelos alunos que se conectavam com temas debatidos em sala de aula.

c) Afetividade

Quando a comunicação é fluída e bem-sucedida, aproximações que nem sempre acontecem no ambiente presencial, podem ser desencadeadas nos espaços virtuais. O grau de interação entre os sujeitos quando intenso, permite um encurtamento das distâncias, um estar junto virtual. Segundo Brito (2008, p. 2), “os gestos, a entonação da voz, a forma de olhar, enfim, todo o corpo, auxiliam na emoção e no sentido do texto a ser construído. Todavia, numa comunicação à distância, os elementos não-verbais e as emoções não poderiam simplesmente ser ignorados”. Nesse sentido, o grupo do *Whatsapp* foi utilizado para que os estudantes trocassem experiências e se conhecessem melhor. Em meio a esse diálogo, os *emoticons e emojis* foram fortemente utilizados para expressar emoções.

Segundo Affonso e Rocha (2013, p. 4) os *emoticons* são “uma sequência de caracteres tipográficos ou também uma imagem (geralmente pequena), que traduz, ou tem o intuito de transmitir, o estado psicológico, emotivo de quem o emprega, por meio de imagens ilustrativas de uma face”, como por exemplo: ;) :o \o/ :(

Reis (2013, p. 13) afirma que, “diferentes dos *emoticons*, que em sua maioria são combinações de sinais ortográficos expressando um sorriso ou piscada, os *emojis* são imagens com cara de desenho animado”. A figura 2 mostra alguns dos emojis listados no *WhatsApp*.

Figura 2 – Emojis



Fonte: <http://goo.gl/nq2qjr>

Observa-se que no contexto do *Whatsapp* é muito mais frequente o uso de *emojis* que de *emoticons*, embora ambos sejam utilizados para expressar emoções. Autores como Ribeiro (2012) compreendem a afetividade como um dos motores da cognição uma vez que o prazer de estar junto com aqueles sujeitos pode contribuir para a motivação em fazer parte do grupo. Assim, “não há como abordar os aspectos cognitivos sem considerar os afetivos, nem considerar que as ações afetivas possam estar separadas do cognitivo” (p. 797).

Discussões predominantemente formais, apesar de possíveis, não conseguem sustentar comunidades virtuais no *Whatsapp*. Os estudos de Ribeiro (2012, p. 800) evidenciam que “quanto mais formal a discussão, menor a incidência de recursos não textuais e tecnológicos como os *emoticons*” por tabela, “quanto mais formal menos abertura para outros recursos textuais não verbais” (idem). Nesse sentido, a linguagem informal é uma característica forte da comunicação no *Whatsapp*.

Segundo Ribeiro (2012, p. 800), “o uso de uma linguagem escrita extremamente formal e acadêmica demais pode ser outro fator para desmotivar o aluno, além de não colaborar para a criação de vínculos afetivos, antes pode até vir a afastá-lo”. Nesse sentido, é possível considerar que a linguagem utilizada se caracteriza por uma escrita dinâmica, uso de *emoticons* e *emojis*, leitura dinâmica, uso de conteúdos digitais multimodais e linguagem informal.

Nos AVA não é suficiente haver afetividade, é necessário ainda que o outro perceba essa afetividade, ou seja, que de alguma forma a escrita demonstre, por meio de símbolos gráficos, sentimentos e emoções e que o leitor, ao decodificar a escrita, os perceba (MARTINS e BATISTA, 2005). É necessário permitir aos estudantes liberdade comunicativa para que os mesmos possam criar vínculos afetivos (RECUERO, 2009). A possibilidade de manter relações presenciais e relações mediadas pelo *Whatsapp* favoreceu o estabelecimento de laços multiplexos e mais sólidos entre os sujeitos interlocutores envolvidos no curso de inglês de nível básico em tela.

d) Velocidade da comunicação

A revista Galileu publicou em sua edição de nº 276, em junho de 2014, uma matéria na qual se divulga que 25% dos usuários do Spotify (<https://www.spotify.com/br/>) escutam apenas os 5 primeiros segundos das músicas. Divulgou ainda que a média de tempo assistindo a vídeos do Youtube (<https://www.youtube.com/>) não passa dos 90 segundos. Baseada nesses dados, a autora da matéria faz uma crítica às formas de leitura contemporânea afirmando que “somos a geração que lê o título, comenta sobre ele, compartilha, mas não vai até o fim do texto” (GALILEU, 2014).

No *WhatsApp* não é diferente. Observa-se que, quando um sujeito recebe muitas mensagens, a leitura não é feita palavra-por-palavra. O texto é “escaneado” pelo leitor que busca informações que lhe chamem atenção (MAGNABOSCO, 2009). Chartier (2002, p. 23) apud Magnabosco (2009, p. 55), afirma que “a leitura diante da tela é geralmente descontínua, e busca, a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas, o fragmento textual do qual quer apoderar-se [...], sem que necessariamente sejam percebidas a identidade e a coerência da totalidade textual que contém esse elemento”.

A escrita no *Whatspp* precisa ser extremamente dinâmica uma vez que o fluxo de mensagens a ser respondidas é igualmente proporcional. Esse dinamismo da escrita, associado à baixa ergonomia do teclado digital e ao fato de que já se constituiu um código específico para a comunicação no ciberespaço, que obedece a lei do “mínimo esforço para o máximo de expressão” (MAGNABOSCO, 2009, p. 50), cria o cenário propício para que a língua oficial do *Whatspp* seja o internetês.

Para Fruet et al (2009, p. 103), “o princípio básico do internetês é extrair o essencial de cada palavra, descartar o supérfluo e, inevitavelmente, ceder à tentação dos apelos fonéticos”. Segundo Magnabosco (2009 p. 52), o internetês “apresenta muitos aspectos típicos da fala

(produção de enunciados mais curtos e com menor índice de nominalizações por frase, uso de cumprimentos informais, alongamentos vocálicos com funções paralinguísticas, sinais de verificação dos interlocutores, entre outras)". O texto precisa ser curto para que seja lido, nesse sentido, termos como "flw", "vlw", "kkkk", "hahaha", "hehehe", são comumente encontrados nos diálogos do *Whatspp*.

Na contramão do reconhecimento do internetês como a língua do *Whatspp*, Fruet et al (2009, p. 106), cita alguns autores que tecem duras críticas contra seu uso. As críticas enfocam aspectos como o "assassinato ou deformação da língua portuguesa", "empobrecimento cognitivo"; "superficialidade da leitura e da escrita" e "lamentável e vertiginosa decadência da língua portuguesa". Sem desconsiderar as premissas dos autores que teceram tais críticas, se faz importante destacar que, à despeito da forma como se faz, nunca se escreveu tanto. Segundo Moura (2009, p. 62) baseado em Fresco (2005),

[...] os resultados de um estudo americano, que compara exames de inglês realizados por adolescentes de 16 anos, em 1980, 1993, 1994 e 2004, [...] mostra que os adolescentes estão a usar estruturas fráscas mais complexas, um vocabulário mais alargado, utilização mais precisa das maiúsculas, da pontuação e da ortografia, do que os de há uma década antes.

Esses dados corroboram com a fala de Santaella (2010, p. 18), segundo a qual "nenhuma tecnologia da linguagem e da comunicação borra ou elimina as tecnologias anteriores. O que ela faz é alterar as funções sociais realizadas pelas tecnologias precedentes, provocando remanejamentos no papel que cabe a cada uma desempenhar".

A instantaneidade da comunicação se apresentou simultaneamente de forma positiva e negativa por todo o período de realização da experiência do curso de inglês. Foi estimulante para os estudantes receberem respostas rápidas às dúvidas, e para a professora foi bastante útil poder criar um clima descontraído sem que os estudantes estivessem todos reunidos em sala de aula. Em contrapartida, o ritmo frenético com que as mensagens são trocadas pode se constituir num problema.

f) Implicações da ubiquidade para os alunos e para o professor

Durante a experiência aqui relatada, foi comum os estudantes informarem que estavam teclando do ônibus, ou do sofá de casa, ou do carro (enquanto seus pais dirigiam o veículo). A possibilidade de comunicação a qualquer momento, e de qualquer lugar, permite ao professor levar aos alunos uma série de contatos curtos, porém frequentes, com o idioma. Quando se trabalha com turmas que só tem este contato uma ou duas vezes por semana, durante 50 ou 60 minutos, a utilização do grupo pode favorecer uma participação mais intensa, um contato maior e até mesmo uma lembrança sutil, ao longo da semana, dos conteúdos apresentados nas aulas anteriores.

Por outro lado, o professor torna-se sujeito a receber mensagens com dúvidas em horários inconvenientes ou inapropriados, sendo importante estabelecer junto ao aluno algumas regras para utilização desse tipo de aplicativo em situações didáticas. Para que tais práticas possam efetivamente integradas ao currículo, é fundamental que a instituição de ensino perceba o aplicativo como um recurso pedagógico. Isto evita problemas de interpretação quando professor ou os alunos são vistos usando o *smarthphone* durante o horário de aula. Também é importante que tais instituições percebam que, quando o professor se propõe a utilizar tal recurso, ele se coloca à disposição do estudante por um período diário muito superior ao tempo da aula, e que atuar presencialmente ou a distância implica, para o professor, estender seu horário de trabalho.

Embora toda a comunicação ocorra de forma praticamente imediata, foi observado que a demanda de tempo exigida para a criação frequente de atividades é relativamente alta no prin-

cípio. Procurar por imagens e vídeos, ler mensagens, responder perguntas e manter diálogos em um ritmo adequado exigem tempo, dedicação e muito esforço por parte do professor.

Considerações Finais

Em função do alto grau de penetração social dos *smartphones*, seu uso como recurso didático é viável e apresenta um potencial de maior magnitude em relação a outros dispositivos móveis, quando utilizados para esse fim. No Brasil, é possível verificar uma demanda reprimida de experiências didáticas com o uso de *smartphones*. Reprimida pela falta de investimento sério e responsável em banda larga, equipamentos, manutenção, formação, valorização de professores, espaço físico adequado e condições mínimas para uma prática pedagógica sustentável. Na contramão das adversidades, os professores têm se esforçado em explorar os recursos oferecidos pelos *smartphones* para melhorar a qualidade de suas aulas. Dentre as experiências desenvolvidas, destacamos nesse estudo o uso do *WhatsApp*.

Verifica-se que, para que práticas pedagógicas como as que foram descritas nesse estudo possam se efetivar, as condições objetivas exigem que os sujeitos envolvidos disponham, pelo menos, de *smartphones* e de internet. Atendidas essas questões, observa-se que a própria cibercultura, e de modo específico essa nova fase da cibercultura, exige competências específicas ao professor para que esse possa desempenhar um bom trabalho pedagógico.

A aprendizagem baseada em tecnologias móveis, em nenhum sentido substitui outras modalidades formativas. Porém as redefine à luz das demandas contemporâneas, uma vez que a aprendizagem baseada em tecnologias móveis passa a ser uma dessas demandas. Numa sociedade em que, mesmo em trânsito, as pessoas estão cada vez mais conectadas umas com as outras por meio de aplicativos de *smartphone*, as relações entre esses sujeitos tendem a estar cada vez mais mediadas por esses dispositivos. Essa nova fase da cibercultura coloca um grande desafio para a escola e para toda a sociedade uma vez que, ao mesmo tempo em que pode representar um remédio para alguns males, pode também ser um veneno potente.

A sociedade precisa educar seus filhos para que o uso de aplicativos de *smartphones*, como o *WhatsApp*, sejam utilizados para favorecer as atividades cotidianas e a elevação das consciências dos sujeitos. A escola, como uma das instituições que compõem a sociedade, também deve assumir esse papel. Formar as próximas gerações para um uso consciente das TIC e para que aplicativos como o *WhatsApp* não venham a ser veículos de pornografia de vingança, pedofilia ou exposição aos mais variados riscos, é uma necessidade urgente.

Professores e alunos já utilizam *smartphones* e também o *WhatsApp*. Ambos são conhecedores de algumas das potencialidades desse recurso e desse aplicativo, respectivamente. O cenário precário no qual se encontra a Educação Brasileira, a tradição, calcada na transmissão de informações na qual foram formados os professores, o magnetismo do espetáculo de cores e sons proporcionado pelos *smartphones*, combinados com as potencialidades comunicacionais favorecidas pelo *WhatsApp*, têm contribuído para que o uso de dispositivos móveis seja proibido no interior das escolas por meio de leis.

Fora da escola é possível encontrar sem muita dificuldade professores utilizando o *WhatsApp*. Para que esse uso possa fazer sentido no contexto pedagógico é fundamental que as políticas públicas educacionais passem a considerar a importância de um maior incentivo à formação inicial e continuada de professores para uma boa gestão das TIC, à valorização desses profissionais, e a presença das condições objetivas necessárias.

Referências

AFFONSO, L. M.; ROCHA, H. M. Emoticons: o fator humano da tecnologia na educação a distância. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA (SEGET), 10, 2013, Rio de Janeiro. **Anais_**Gestão e Tecnologia para a competitividade: AEDB, 24-25, out. 2013. p. 1-11.

ANTERO, N. K.; NASCIMENTO, R. N. A juventude na era da mobilidade: impactos e apropriações dos smartphones na sociedade contemporânea. **Revista Temática**, v. 11, nº 3, p. 45-58, mar. 2015.

ARAÚJO, P. C.; BOTTENTUIT JUNIOR, J. B. O aplicativo de comunicação Whatsapp como estratégia no ensino de Filosofia. **Revista Temática**, v. 11, nº 2, p. 11-23, fev. 2015.

BARROS, J. S.; BARBOSA JUSTINO, L. Perspectivas pedagógicas com o cordel na cultura de multimeios. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO (CINTEDI), 1, 2014, Campina Grande. **Anais_**Práticas Pedagógicas, Direitos Humanos e Interculturalidades: UEPB, 1-3, dez, 2014. p. 1-10.

BELÉM, B. C. Short Message Service e Whatsapp: interações textuais por meio de dispositivos móveis. In: CONGRESSO NACIONAL UNIVERSIDADE, EAD E SOFTWARE LIVRE, 2, 5, 2014, Belo Horizonte. **Anais**: UFMG, 22, jan. 2014. p. 1-4.

BENTO, M. C.; CAVALCANTE, R. S. Tecnologias móveis em educação: o uso do celular na sala de aula. **Revista ECCOM**, v. 4, n. 7, p. 113-120, jan./jun. 2013.

BRASIL. **Projeto de lei nº Lei nº 2246/2007**. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=372564> Acesso em 13 jun 2015.

BRITO, A. D. O discurso da afetividade e a linguagem dos emoticons. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. v. 4, nº. 9, p. 1-21, 2008.

CANDEIAS, M. I; SILVA, J. A. A nossa sala de aula já é maior que o planeta Terra! **Revista Educação, Formação & Tecnologias**; v. 1, nº 1, p. 142-152, jan./jun., 2008.

COSTA, G. S. **Mobile learning**: Explorando potencialidades com o uso do celular no ensino- aprendizagem de língua inglesa como língua estrangeira com alunos da escola pública. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras Doutorado Interinstitucional (UFPE / IFPI). Recife-PE, 2015.

FERREIRA, A. C. et al. Utilização do aplicativo whatsapp® como ferramenta de telemedicina na área da teleultrassonografia. **Revista da Sociedade Brasileira de Ultrassonografia**, v. 17, nº 1, p. 17-20, 2014.

FLICK, U. **Introdução a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOLHA de SÃO PAULO. **WhatsApp diz ter 38 milhões de usuários no Brasil**. 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/02/1418158-whatsapp-diz-ter-38-milhoes-de-usuarios-no-brasil.shtml> Acesso em 23 jun 2015.

FRUET, F. S. et al. Internetês: ameaça à ou evolução na língua portuguesa? **Revista da ANPOLL**, v. 1, nº 26, p. 99-112, 2009.

GALILEU. **Geração “só a cabecinha”**. 2014. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2014/07/geracao-so-cabecinha.html> Acesso em 25 jun 2015.

GAZETA DE ALAGOAS. **Estado abandona laboratórios de escolas**. Por Marcelo Gonçalves. 19 de abril de 2015. P. D1-D4.

HONORATO, W. A.; REIS, R. S. Whatsapp – uma nova ferramenta para o ensino. In: SIMPÓSIO DE DESENVOLVIMENTO TECNOLOGIAS E SOCIEDADE, 4, Itajubá, 2014. **Anais**: UNIFEI, 10-13, nov. 2014. p. 1-6.

LEMOS, A. Arte e mídia locativa no Brasil. In.: In.: LEMOS, A.; JOSGRILBERG, F. (orgs.). **Comunicação e mobilidade**: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 89 – 108.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999

MACHADO SPENCE, N. C. O whatsapp messenger como recurso no ensino superior: narrativa de uma experiência interdisciplinar. **Revista RELVA**, v. 1, nº 1, p. 3-14, jan./dez., 2014.

MAGNABOSCO, G. G. Hipertexto e gêneros digitais: modificações no ler e escrever. **Revista Conjectura**, v. 14, nº 2, p. 49-63, maio/ago. 2009.

MARCONDES, L. N.; DEGÁSPERI, A. A afetividade como instrumento no EAD. **Revista Paidei@**, v.6, nº 10, p. 1-17, jan./jul. 2014.

MARTINS, M.; BATISTA, L. J. Uma busca da presença da afetividade nas mensagens de um ambiente virtual. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABED DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (CIAED), 12, Florianópolis. **Anais**_Educação a distância e a integração das Américas: Florianópolis, 18-22, set. 2005. p. 1-9.

MOTA, B. G. **Pornografia de vingança em redes sociais**: perspectivas de jovens vitimadas e as práticas educativas digitais. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Curso de Mestrado Acadêmico em Educação da FAGED. 2015.

MOURA, A. **Geração Móvel**: um ambiente de aprendizagem suportado por tecnologias móveis para a “Geração Polegar”. CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE TIC NA EDUCAÇÃO (CLALLENGES 2009), 6, Minho, Portugal, 2009. **Anais**_Ambientes Emergentes: UMINHO, 14-15 mai., 2009. p. 49-77.

MOURA, A.; CARVALHO, A. A. Peddy-paper literário mediado por telemóvel. **Revista Educação, Formação e Tecnologias**, v. 2, nº 2, p. 22-40, nov. 2009.

OLIVEIRA, C. L. Afetividade, aprendizagem e tutoria online. **Revista EDaPECI**. São Cristóvão, v. 3, nº 3, p. 1-16, dez. 2009.

OLIVEIRA, E. D. et al. Estratégias de uso do whatsapp como um ambiente virtual de aprendizagem em um curso de formação de professores e tutores. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2, 2014, São Carlos-SP. **Anais**_Qualidade na educação: convergências de sujeitos, conhecimentos, práticas e tecnologias: UFsCar, São Carlos-SP, 15 e 26, set. 2014. p. 1-15.

PELLANDA, E. C. Comunicação móvel no contexto brasileiro. In.: LEMOS, A.; JOSGRILBERG, F. (orgs.). **Comunicação e mobilidade**: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 11-18.

R7. **Vídeo íntimo vaza no WhatsApp e menina se mata no Piauí.** 2013. Disponível em: <http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/fotos/video-intimo-vaza-no-whatsapp-e-menina-se-mata-no-piaui-21112013#!/foto/1> Acesso em 23 jun 2015.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

REIS, B. S. **“Você tem WhatsApp?”** Um estudo sobre a apropriação do aplicativo de celular por jovens universitários de Brasília. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Curso de Comunicação Organizacional. 2013.

RIBEIRO, S. R. Linguagem e afetividade em EAD: questões interdisciplinares. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA (CNLF), 16, 4, Rio de Janeiro, 2012. **Anais:** UERJ, 27-31 ago. 2012. p. 792-804.

SANTAELLA, L. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? **Revista de Computação e Tecnologia (PUC-SP)**, v. 2, nº 1, p. 17-22, jan./dez., 2010.

SANTOS, V. L.; PEREIRA, J. M.; MERCADO, L. P. Whatsapp: um viés online como estratégia didática na formação profissional de docentes. **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas, SP v.18 n.1 p. 104-121 jan./abr.2016.

SILVA, A. H.; VILHEGAS, V. P. IHC em dispositivos móveis – análise do aplicativo whatsapp. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DAS FACULDADES INTEGRADAS “ANTONIO EUFRÁSIO DE TOLEDO”, 9, Presidente Prudente-SP. **Anais:** FIAET, 24-25, set, 2013. p. 1-13.

SILVA, F. F. Tecnologias móveis como plataformas de produção do jornalismo. In.: LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fábio (orgs.). **Comunicação e mobilidade:** aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: Edufba, 2009. p. 69-88. Disponível em: <https://issuu.com/midia8/docs/commobile> Acesso em 26 jul 2017.

SILVA, M.; CLARO, T. A docência online e a pedagogia da transmissão. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 33, nº 2, p. 81-89, maio/ago. 2007.

SILVEIRA, S. A. Espectro aberto e mobilidade para a inclusão digital no Brasil. In. LEMOS, A.; JOSGRILBERG, F. (orgs.). **Comunicação e mobilidade:** aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 37-50.

UNESCO. **Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel.** 2013. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227770por.pdf> Acesso em 13 jun 2015.

UNICEF. **O uso da internet por adolescentes.** 2013. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/br_uso_internet_adolescentes.pdf Acesso em 22 jun 2015.

YOUTUBE. **“Disconnect to connect”.** 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oHp4k3zwr0s> Acesso em 21 jun 2015

Recebido em 10 de outubro de 2016

Aceito em 08 de agosto de 2016